



PRODUTO 02

Projeto 914BRZ4019 - Unesco - Contrato n° SA-47/2018

Projeto: Consultor em documentação de acervos digitais indígenas

Pesquisador: Mariana de Salles Oliveira

Data: 23/05/2018



Produto 2

- a) Estudo de interconexão entre a plataforma livre de acervo digital Tainacan, o site e as bases de dados do Museu do Índio visando o desenvolvimento do site institucional integrado ao acervo digital em plataforma livre;
- b) primeiro relatório técnico da instalação e estruturação na plataforma livre de acervos digitais, dos bancos de dados de outros sistemas do Museu do Índio: PHL, ATOM.



Sumário

1. Introdução.....	4
2. Usos do PHL – Acervo Museológico.....	6
3. Usos do Base LAT + PHL - Acervo Museológico.....	11
4. Usos do PHL – Acervo Bibliográfico.....	12
5. Usos do ATOM – Acervo Arquivístico.....	13
6. Considerações sobre as entrevistas.....	14
7. Considerações Gerais.....	16



1. Introdução

Este documento apresenta a descrição técnica da instalação e estruturação na plataforma livre de acervos digitais, dos bancos de dados de outros sistemas do Museu do Índio.

Assim como a conversão do formato das bases de dados utilizados pelo sistema de informação do museu para o formato aceito pelo Tainacan, a parceira do Museu do Índio com o L3P também gerou um conjunto de recomendações para otimização da gestão da informação do museu, indicando quais sistemas são mais otimizados para a integração dos dados.

Essas recomendações foram resultado de um processo de análise das necessidades de informação dos técnicos do museu que administram as ações de busca e uso da informação. Essa é uma etapa muito importante na revisão da estrutura informacional de qualquer organização que busca otimizar e tirar o máximo proveito de seus conjuntos de dados.

Como Chun Wei Choo coloca:

“A busca e o processamento da informação são fundamentais em muitos sistemas sociais e atividades humanas, e a análise das necessidades e dos usos da informação vem se tornando um componente cada vez mais importante da pesquisa em áreas como a psicologia cognitiva, estudo da comunicação, difusão de inovações, recuperação da informação, sistemas de informação, tomada de decisões e aprendizagem organizacional.” (CHOO, 2006, p.67)¹

É nessa etapa de análise das necessidades de informação de uma organização, por vezes negligenciada, que é criado um mapeamento das condições atuais e desejos dos usuários, é um processo que auxilia tanto na aplicação de novas políticas de estruturação informacional quanto traz a reflexão à própria organização de quais as reais necessidades e formas de melhoramento possíveis.

1 CHOO, C. W. A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2º Ed., 2006.



Para executar esse procedimento, como foi possível o contato presencial com os técnicos do museu, o mapeamento das necessidades foi feito através de entrevistas com quatro técnicos do museu, e foram estruturadas sobre o processo de gestão da informação feito pelo técnico, quais as dificuldades e limitações encontradas, e quais outras fontes de informação além do sistema são utilizadas.



2. Usos do PHL – Acervo Museológico

A entrevista com a técnica do museu Ione revelou as formas de organização informacional utilizadas no acervo museológico, como categorias principais que guiam o contexto dos objetos do museu (tópico 4), um levantamento das referências utilizadas para padronização de termos (tópicos 5 a 8), quais as funcionalidades utilizadas no sistema atual (tópico 11), a descrição dos campos das bases de dados de Tombo, e da Ficha Catalográfica (tópicos 13 a 16), e questões representativas do anseio informacional da técnica (tópicos 17 a 20):

Anotações da entrevista com a técnica Ione – 15/03/2018

1. O problema de determinação do que são coleções apenas museológicos;
2. A museologia não usa índice de assunto;
3. Campo de dados do PHL não serve para a museologia – são basicamente bibliográficos;
4. Nos organizamos por categorias - 07:
 - a. Cerâmica
 - b. Trançados
 - c. Armas
 - d. Adornos plumários
 - e. Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador
 - f. Instrumentos musicais e de sinalização
 - g. Utensílios e Implementos de madeira e outros materiais
 - h. Cordões e tecidos
 - i. Objetos rituais mágicos e lúdicos
5. Livro: Dicionário de artesanato indígena (1987) – existe uma versão digitalizada, mas não em formato computacionalmente tratável – pensar em como disponibilizar em Skos;
6. Livro: Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil (2006) – existe uma versão digitalizada – Skos (?);
7. Livro: Povos indígenas no Brasil – povos indígenas, troncos linguísticos – Skos(?);



8. Livro: Listagem dos nomes dos povos indígenas no Brasil – não existe versão digitalizada;
9. Existem campos para registrar referencias bibliográficas sobre os objetos do museu – pesquisa na base bibliográfica;
10. Acervo Museológico, Acervo Arquivístico e Acervo Bibliográfico;
 - a. Acervo museológico – 19775 itens na base;
11. No menu, eu uso:
 - a. Entrada – novos registros;
 - b. Edição – editar registros existentes;
 - c. Exportação – exporta os dados;
 - d. Relatórios – é muito pobre
 - e. Configurações de tabela – é feito no servidor (Denise que mexe com isso);
12. Objetos compostos não tem representação – são apenas mencionados num campo da ficha;
13. Existe a ficha do item + ficha do tombo (dados que o usuário não vê);
14. Há um manual de como preencher cada campo da ficha;
15. Formulário:
 - a. Status do registro: ocultar ou registro;
 - b. ID – é um valor do PHL de chave primária;
 - c. Tipo de objeto: nunca muda, é sempre objeto museológico;
 - d. Nível bibliográfico: é sempre monográfico, nunca muda;
 - e. Tipo de suporte: nunca usa;
 - f. Categoria: são as 09 listadas acima;
 - g. Quantidade da peça: se são objetos compostos;
 - h. Número do objeto: patrimônio;
 - i. Cutter/PHA: informação que vem do tombo;
 - j. Índice de autores: não usa;
 - k. Índio: o artesão que fez – o nome do índio que fez;
 - l. Responsável pela guarda – museu do índio, no geral, mas podem ter outros;
 - m. Nome do objeto: é uma pesquisa no dicionário (listado acima);
 - n. Terminologia étnica: sempre entre aspas, é falado para a museóloga;
 - o. Dimensões da peça: é único. Seria ideal ter campos separados.

Comprimento, largura, altura, peso, etc.;



- p. Estado de origem do objeto;
- q. País
- r. Ano de confecção ou coleta
- s. Data padronizada: norma abnt
- t. Notas gerais: eu queria muito que o usuário visse, mas hoje não pode ver;
- u. Função: é também vindo do dicionário;
- v. Índice de assuntos: não usa;
- w. Descritores: são baseados nos tesouros;
- x. Descritores secundários: em geral, novas formas de escrita dos povos indígenas;
- y. Descrição do objeto;
- z. Código html: coloca o caminho da foto na base – o link;
- i. No storage do museu, há imagens das peças todas com o número de patrimônio já estabelecido;
 - ii. No entanto, há 3 formatos diferentes de números de patrimônio: a forma atual é tripartite;
 - aa. Estado de conservação;
 - bb. Desde: início da formação da coleção
 - cc. Até:: final da formação da coleção;
 - dd. Aldeia, rio, serra e etc: localização
 - ee. Língua indígena: tabela das línguas indígenas;
 - ff. Imagem do objeto: link para a imagem de miniatura;
 - gg. Observações: tudo que pode extrair da peça;
 - hh. Coleção/Doador:
 - ii. Data de entrada no Museu:
 - jj. Povo
 - kk. Vários campos livres: pode-se usar. É preciso mapear esses campos e agregar num novo campo integrado para migração;
 - ll. Referência bibliográfica: pode ser feito com campo composto;
 - mm. Notas adicionais: campo livre, não usado;
 - nn. História administrativa: nunca se usou, mas é interessante manter;
 - oo. Quantidade de partes: igual número de peças. Pode sair;
 - pp. Técnica de confecção: vem do dicionário;



- qq. Matéria prima: identificação manual;
 - rr. Código html: nunca usa;
 - ss. Instituição detentora: quem é dono daquilo;
 - tt. Intervenções: não usa.
16. Ficha de tombo:
- a. Tombo: número de patrimônio;
 - b. Id título: número interno do PHL – idúnico;
 - c. Exemplar: não se usa;
 - d. Data de aquisição: é data de entrada no Museu do Indio;
 - e. Aquisição: tabela de possibilidades;
 - f. /doador: nome da pessoa que doou;
 - g. Nota fiscal:
 - h. Valor da peça (R\$):
 - i. Valor (U\$):
 - j. Curso: não usa;
 - k. Prazo excepcional: não usa;
 - l. Tratamento realizado:
 - m. Recomendação:
 - n. Antigos proprietários:
 - o. Valor do seguro:
 - p. Observações:
 - q. Data de entrada no laboratório:
 - r. Diagnóstico:
 - s. Reserva técnica:
 - t. Participação em exposição:
 - u. Data de coleta do objeto:
 - v. Número da conservação:
 - w. Data do início do procedimento:
 - x. Data final do procedimento:
 - y. MFN do Título:
 - z. Disponível para se
17. Como criar um tipo de metadado de georreferenciamento com localização no mapa?



18. Como incorporar novos elementos de dados para permitir a descrição do índio convivendo junto com a descrição museológica?
19. Existem vídeos feitos com os colecionadores sobre eles falando a respeito das peças. Pode ser conectado aos objetos digitais – eventualmente, os vídeos podem ser editados e separados mas linkados nos objetos;
20. Para nós, o valor está na contextualização da informação – o valor agregado.



3. Usos do Base LAT + PHL - Acervo Museológico

A entrevista com a técnica do museu Denise, que utiliza informações do *The Language Archive*², uma referência para dados de linguagem, ferramentas e arquivamento, juntamente com o acervo museológico do sistema PHL do museu, e menciona na entrevista sua perspectiva de funções informacionais do museu que permite e verificação de integração ao Tainacan:

Anotações da Entrevista com Denise – 15/03/2018

1. The language archive – LAT
2. Organização dos arquivos produzidos pelos pesquisadores:
 - a. Como o documento entra no museu e como vai para o storage – há um manual sobre isso;
 - b. Vai avaliar a pertinência de uso para isso;
 - c. O formato dos arquivos de metadados é possível migrar
 - d. As mídias são possíveis de migrar;
 - e. Os metadados de anotação não temos como integrar na plataforma.
3. A exportação do PHL em XML está rodando para testarmos o upload no Tainacan.
4. Avaliar projeto Dobes

² The Language Archive - <https://tla.mpi.nl/>



4. Usos do PHL – Acervo Bibliográfico

A entrevista com o técnico Rodrigo, que utiliza o acervo bibliográfico, revela alguns anseios como a conexão com as redes sociais, e a prestação de contas para a sociedade não possíveis no sistema atual, além a possibilidade de migração de algumas bases de dados para o sistema Koha:

Anotações da Entrevista com Rodrigo – 16/03/2018

1. O mais interessante é o diálogo com as redes sociais;
2. Seria incrível prestar contas a sociedade da qualificação de acervos que trabalhamos para construir exposições:
 - a. Formação de coleções dinâmicas para trabalhos;
3. A ferramenta atual não permite isso;
4. Discutimos o Koha e a ideia é avaliar a migração do PHL para o Koha no acervo bibliográfico;
5. Portar a coleção de imagens e vídeos:
 - a. Coleção audiovisual:
 - i. Iconográfica – formulários + XML
 - ii. Filmíca – formulários + XML
 - iii. Sonora – formulários (mudar os metadados) + XML



5. Usos do ATOM – Acervo Arquivístico

A entrevista com a técnica Thaís, que faz uso do acervo arquivístico do museu, aponta condições de interação com o sistema ATOM³, utilizado para descrição arquivística já baseado nos padrões da área, bem como algumas dificuldades de customização, e o quanto a documentação arquivística ajuda a conectar os objetos museológicos:

Anotações da Entrevista com Thaís – 15/03/2018

1. Normas usadas: Nobrad, registro de autoridade e instituição custodiadora;
2. Base Arch – Casa de Oswaldo Cruz – referencia de implementação;
3. Não conseguimos customizar o Atom:
 - a. Dificuldade de contratação de uma pessoa para customizar;
 - b. Daniel Flores – Archivematica/Fábio Dalte (FioCruz)
 - c. Customizações de campo
 - d. A estrutura do ATom é muito rígida para atender as necessidades da norma
 -> é difícil customizar a partir disso;
4. Distinção de Fundo e Coleção;
5. É a documentação arquivística que dá a ligação dos objetos museológicos;
6. Cada nível de descrição possui metadados próprios:
 - a. Várias áreas hierarquizadas;
7. O aspecto visual da coisa hierárquica e a forma de apresentar as descrições é fundamental como estratégia para contextualização da informação;
8. O mais importante é o usuário conseguir recuperar as questões contextuais das hierarquias;
9. Instituição custodeadora
 - a. Fundo
 - i. Seção
 1. Subseção
 - a. Série
 - i. Subsérie
 1. Dossiê
 - a. Item

³ ATOM - <https://www.accesstomemory.org/pt-br/>



6. Considerações sobre as entrevistas

As quatro entrevistas realizadas ajudaram a entender a estrutura informacional do museu, que é composta dos acervos arquivístico, museológico e bibliográfico, e toda essa estrutura aponta para uma conexão conceitual entre os diferentes acervos, sendo que as informações presentes nos três se complementam, dando contexto aos ativos culturais do museu.

Além disso, foram levantados aspectos de necessidade informacional que giram em torno do formato de divulgação e conexão social do material informacional do museu, além da necessidade de apropriação de outros formatos de dado como vídeo, tudo isso em busca de contextualizar ainda mais as informações do museu, evitando campos segmentados na gestão da informação, e sim visando a integração entre os dados.

Por isso, o parecer técnico final com base nas entrevistas do mapeamento de necessidades informacionais gerou três recomendações de migração de bases de dados:

1. Recomenda-se que os dados do acervo arquivístico migrem do PHL Eliysio para o sistema ATOM;
2. Recomenda-se que os dados do acervo bibliográfico migrem do PHL Elysio para o sistema KOHA⁴, utilizado principalmente para gestão de bibliotecas, de código aberto e mantido por uma grande comunidade internacional.
3. Recomenda-se que os dados de acervo museológico migram do PHL Elysio para o Tainacan.

Essas recomendações são baseadas, entre outros fatores de otimização informacional dos sistemas propostos, principalmente na possibilidade da criação de um serviço de busca federado que una os dados dos três sistemas para consultas aos ativos informacionais do museu, isso devido à existência de uma aplicação que permite a programação de acesso aos dados (API) nas três plataformas no protocolo OAI-PMH (Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting).

4 KOHA - <http://wiki.ibict.br/index.php/Koha>



O protocolo OAI-PMH, é um mecanismo para integração de repositórios que compõe o levantamento de metadados das bases que o utilizam e os integra em formatos comuns que permitem sua integração. Dessa forma as recomendações atendem aos anseios informacionais mapeados, além de contribuir para a integração e otimização dos dados dos acervos utilizados, potencializando assim a gestão das informações do museu.



7. Considerações Gerais

Foram obtidos então, dois produtos principais: as planilhas do plano de classificação para as bases de Tombo e da Ficha Catalográfica, e as recomendações de migração das bases de dados dos acervos dos museus visando a integração dos dados.

Ambos produtos representam o esforço de potencializar os processos de gestão da informação do museu do índio, bem como a integração das bases de dados do acervo museológico ao Tainacan e site do museu.

Deve-se também dar relevância aos processos executados para chegar nos resultados obtidos, desde o levantamento de necessidades, até a elaboração de um código de conversão personalizado para converter o formato XML em planilha para importação no Tainacan, e o processo de validação conjunto, apontam que a importante parceria e trabalho conjunto entre L3P e Museu do Índio tem levado a realização de etapas importantes para o esforço de potencializar as atividades culturais do museu.

